ISSN: 2358-8829

PRÁTICAS EDUCATIVAS TRABALHADAS NO VOLEIBOL QUE CONTRIBUEM PARA A AFIRMAÇÃO DAS IDENTIDADES DE CRIANÇAS E JOVENS: UMA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR

Giovana Kamilly Cintra Manso [1]
Perycles Macêdo [2]

INTRODUÇÃO

A construção das identidades de crianças e adolescentes constitui um processo fundamental para a compreensão da maneira como os sujeitos se reconhecem e estabelecem relações com os outros em lugares na sociedade. Em um contexto social marcado pela padronização de comportamentos e pela valorização de determinados modos de ser, torna-se necessário refletir sobre os espaços e as experiências que possibilitam aos indivíduos reconhecer suas singularidades e compreender-se como sujeitos capazes de participar ativamente da realidade em que vivem.

Embora a escola e sua educação formal desempenhem uma função extremamente importante na formação integral dos sujeitos, o conhecimento e a afirmação das identidades não se restringem a isso. Seguindo essa lógica, trata-se das experiências educativas também acontecidas em contextos de educação não formal, nos quais a convivência, a participação coletiva e as relações são construídas cotidianamente e podem assumir sentidos formativos.

Conforme a perspectiva que orienta esta pesquisa, o esporte, para além de sua dimensão física e técnica, pode representar uma experiência de pertencimento, lazer, socialização e projeção de futuro, participando da maneira como os sujeitos compreendem suas capacidades, seus interesses e suas possibilidades de existência, e algo além que une tudo isso: uma experiência de afirmação de identidades. Sendo assim, a relevância dessa discussão também se relaciona ao direito ao esporte e ao lazer, o qual a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 217, estabelece o dever do Estado de fomentar práticas desportivas formais e não formais, reconhecendo o esporte como um direito de todos. Entretanto, a existência desse marco legal não garante o acesso na prática.

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE/CAA, @giovana.cintra@ufpe.br;
[2] Doutorando em Educação Contemporânea no PPGEDUC pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE/CAA, @perycles.macedo@ufpe.br;

ISSN: 2358-8829

Diante dessas lacunas, iniciativas comunitárias e projetos sociais podem constituir alternativas importantes de acesso ao esporte e de construção de experiências coletivas que auxiliam na formação de sentidos sobre cidadania, coletividade e pertencimento a um determinado lugar. É, então, nesse contexto que se insere o Bradantes Vôlei, localizado em Cachoeirinha, no Agreste Pernambucano, cuja realidade permite problematizar as relações entre práticas educativas, identidade e formação humana.

A escolha desse contexto parte do interesse em compreender como as experiências construídas dentro da quadra ultrapassam o aprendizado dos fundamentos do voleibol e participam da formação das crianças e dos adolescentes. Diante dessas considerações, a pesquisa é orientada pela seguinte questão: quais práticas educativas são desenvolvidas pelos educadores populares no Bradantes Vôlei que contribuem para a construção e a afirmação das identidades de crianças e adolescentes?

Para responder a tal questionamento orientador, estabelece-se como objetivo geral identificar as práticas educativas desenvolvidas no projeto que contribuem para esses processos formativos de identidade e pertencimento. Já como objetivos específicos, busca-se: investigar as contribuições educativas dos movimentos e projetos sociais para a formação dos sujeitos e construção da sociedade; compreender as práticas educativas desenvolvidas em espaços não escolares; e, analisar em que medida os princípios da educação popular se manifestam em tais práticas presentes no projeto.

Assim, ao tomar o Bradantes Vôlei como contexto de investigação, este estudo pretende contribuir para a compreensão do esporte como espaço de ensino e de formação que pode ultrapassar o desenvolvimento de habilidades físicas e técnicas, bem como ter em si a presença de práticas educativas intencionais, participando da construção das identidades e das relações sociais. Ao mesmo tempo, busca reconhecer criticamente possíveis aproximações entre as práticas cotidianas dos educadores e a educação Não Formal, evidenciando como experiências educativas desenvolvidas fora da escola podem oferecer elementos importantes para pensar a formação de sujeitos conscientes de si e de sua atuação na sociedade.

METODOLOGIA

A presente pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e explicativo. Essa escolha se deu pelos autores por permitir investigar os significados, as experiências e as relações construídas no cotidiano dos sujeitos, considerando aspectos que não podem ser reduzidos à quantificação. Conforme Maria Cecília de Souza

ISSN: 2358-8829

Minayo (1996), a pesquisa qualitativa "trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis" (p. 22).

Como estratégia metodológica, adotou-se o Método do Caso Alargado, proposto por Boaventura de Souza Santos (1983), que valoriza a profundidade da análise de uma experiência particular e sua articulação com processos sociais mais amplos. Em contraposição à generalização positivista baseada na quantidade e na uniformização, o método propõe uma generalização fundamentada na qualidade e na exemplaridade do caso estudado (Santos, 1983, p. 11).

O campo empírico da pesquisa é o projeto social Vôlei Bradantes, criado em 2022, na cidade de Cachoeirinha, no Agreste Pernambucano, por William, com o apoio de Andressa, Milleuton e Sara. A iniciativa oferece práticas de voleibol a crianças, adolescentes e adultos, em uma quadra municipal, com atuação voluntária dos quatro responsáveis e o propósito de promover a inclusão social por meio do esporte. A escolha desse contexto decorre do interesse em compreender como a educação não formal, articulada às experiências esportivas, participa da formação dos sujeitos. As fontes de informação foram os quatro professores/treinadores, crianças e adolescentes participantes e, complementarmente, um responsável familiar.

Como instrumentos metodológicos para a produção dos dados, foram escolhidos a observação participante com conversas informais, registrada em diários de campo, e de entrevistas semiestruturadas com os participantes. A observação participante favoreceu o contato direto com os sujeitos em seu contexto cotidiano, permitindo compreender suas práticas, percepções e relações sociais (Neto, 1996, p. 59). As entrevistas, por sua vez, possibilitaram conhecer as experiências e perspectivas dos participantes, considerando que, segundo Minayo (1996, p. 57), esse instrumento permite ao pesquisador obter informações contidas nas falas dos atores sociais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica desta pesquisa parte de uma perspectiva crítica da educação e articula quatro categorias centrais para compreender as práticas educativas desenvolvidas no projeto social Bradantes Vôlei e suas contribuições para a construção e afirmação das identidades de crianças e adolescentes.

ISSN: 2358-8829

Nesse viés, os movimentos sociais assumem importância na compreensão de uma sociedade constituída por sujeitos com diferentes experiências, perspectivas e interesses, cujas relações são atravessadas por desigualdades e contradições estruturais. Para compreender esse conceito, Karl Jensen (2014) parte de uma metáfora relacionada ao movimento físico:

> Movimento, num sentido físico, significa um deslocamento de um corpo de um lugar para outro. Neste sentido, a ideia de movimento teria uma conotação meramente espacial. Entretanto, tiramos duas lições desta noção de movimento: em primeiro lugar, só se pode falar de movimento falando daquilo que se movimenta (no caso, o corpo); em segundo lugar, um movimento sempre provoca uma alteração naquilo que se movimenta (a posição espacial). Portanto, notamos que todo movimento possui os agentes que lhe dá vida e que se alteram graças a ele. (Jensen, p. 129).

A partir dessa reflexão, o autor permite compreender que o movimento social envolve sujeitos coletivos que se organizam em torno de objetivos compartilhados e que, ao agir sobre a realidade, também transformam suas próprias experiências e relações. Assim, os movimentos sociais podem ser compreendidos a partir dessa perspectiva como expressões coletivas que questionam as condições existentes e buscam produzir mudanças na sociedade.

Nessa lógica, Maria da Glória Gohn (2011) compreende tais movimentos como ações sociopolíticas que produzem identidades coletivas, articulam demandas históricas e contribuem para a ampliação da cidadania, que, além de reivindicarem direitos, esses movimentos podem questionar valores e padrões socialmente estabelecidos, abrindo possibilidades para a ressignificação das relações sociais. Seu caráter educativo também merece destaque, uma vez que a formação dos sujeitos não acontece exclusivamente nas instituições escolares, mas nas experiências de organização, participação e luta coletiva. Sobre essa relação, Gohn afirma:

> A relação movimento social e educação existe a partir das ações práticas de movimentos e grupos sociais. Ela ocorre de duas formas: na interação dos movimentos em contato com instituições educacionais, e no interior do próprio movimento social, dado o caráter educativo de suas ações (Gohn, 2011, p. 1).

Essa compreensão amplia o entendimento da educação ao reconhecer que os próprios processos de participação social podem constituir experiências de aprendizagem. E na perspectiva de Paulo Freire (1996), ensinar não significa simplesmente transmitir informações, mas criar condições para que os educandos participem ativamente da construção do conhecimento. Como afirma o autor, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção” (Freire, 1996, p. 25). Essa compreensão dialoga com José Carlos Libâneo, que reconhece a educação como uma dimensão constitutiva da vida social:

ISSN: 2358-8829

> A educação – ou seja, a prática educativa – é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social (Libâneo, 1990, p. 16-17).

A partir dessa perspectiva, a prática educativa não pode ser compreendida como uma atividade neutra, pois envolve escolhas, valores e concepções sobre os sujeitos e a sociedade, desse modo, ensinar e aprender constituem processos construídos socialmente, que se modificam conforme as experiências, as necessidades e os contextos em que acontecem

Gohn (2011) ainda amplia essa discussão ao reconhecer que as práticas educativas também se desenvolvem em espaços não formais, nos quais existem objetivos de aprendizagem e formação que não dependem necessariamente de um currículo escolar. Para a autora, essas práticas "ocorrem em todos os espaços em que há processos de socialização, transmissão e produção de saberes" (Gohn, 2011, p. 31).

A análise dessas experiências também exige compreender como as identidades são construídas e afirmadas nas relações sociais. A pergunta "Quem sou eu?" expressa um questionamento que acompanha os sujeitos em diferentes momentos da vida, que amplia para outros questionamentos e que envolve experiências, identificações e relações com os outros. Tomaz Tadeu da Silva (2014) apresenta uma primeira definição de identidade ao afirmar:

> A identidade é simplesmente aquilo que se é: 'sou brasileiro'; 'sou negro'; 'sou heterossexual'; 'sou jovem'; 'sou homem'. A identidade assim concebida parece ser uma positividade ('aquilo que sou'), uma característica independente, um 'fato' autônomo. (Silva, 2014, p. 74).

Ou seja, o autor destaca que a identidade não existe de maneira isolada, pois sua construção depende também da diferença.

Essa compreensão evidencia que a identidade não é uma característica fixa ou exclusivamente individual, mas uma construção social e cultural. Kathryn Woodward (2014, p. 19) afirma que "a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade". As referências culturais, as relações familiares, os grupos sociais e as experiências cotidianas participam, assim, da maneira como os sujeitos compreendem a si mesmos e constroem suas identificações. Ou seja, é um processo cultural, social e processual.

Nesse sentido, Outeiral questiona: "Que modelos para a identificação das crianças e adolescentes oferece a sociedade brasileira? Quais são os valores éticos e morais que oferecemos aos jovens?" (Outeiral, 2008, p. 70). Essas questões evidenciam que a construção das identidades também constitui uma responsabilidade social, pois as referências oferecidas

ISSN: 2358-8829

às novas gerações participam da formação de suas perspectivas e de suas relações com o mundo.

Essa discussão aproxima-se da Educação Popular, compreendida por Carlos Rodrigues Brandão (1984) como um campo de ideias e práticas que assume diferentes formas conforme os contextos históricos e sociais. Nessa perspectiva, ela não se limita a um método único de ensino, mas se constitui nas experiências de organização comunitária, participação coletiva e luta por direitos. Moacir Gadotti destaca que as práticas de Educação Popular compartilham um compromisso com a emancipação humana, afirmando que "têm em comum, nas diversas partes do mundo, o compromisso com os mais pobres, portanto, com a emancipação humana" (2018, p. 25). Essa compreensão permite reconhecer a importância de práticas educativas construídas a partir das necessidades, das experiências e dos conhecimentos dos sujeitos historicamente marginalizados.

Nesse contexto, Freire (1992, p. 40) relaciona a possibilidade de transformação social à capacidade dos sujeitos de reinventarem a própria existência. Para isso, o autor pontua sobre o diálogo como "uma exigência existencial" (Freire, 1987, p. 78), bem como "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo" (Freire, 1986, p. 67).

Diante dessas contribuições teóricas, os movimentos sociais, as práticas educativas, a construção das identidades e a Educação Popular constituem dimensões articuladas para a análise do projeto social investigado. A partir dessa articulação, torna-se possível investigar como as experiências educativas desenvolvidas no Bradantes Vôlei podem contribuir para a construção e a afirmação das identidades de seus participantes, considerando tanto as possibilidades formativas do espaço quanto as contradições e os desafios presentes em sua realidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As observações e entrevistas realizadas no Bradantes Vôlei evidenciam que o projeto ultrapassa a dimensão esportiva, assumindo um compromisso com a formação humana e a inclusão social. William, um dos treinadores, explica essa finalidade ao afirmar:

> O Bradantes não é apenas um projeto esportivo, ele também é um projeto social. Onde de forma conjunta buscamos lapidar os jovens e crianças no esporte em específico o vôlei e também como pessoas. Sabemos a importância da base, seja ela no esporte ou na vida. O projeto é aberto a todos(as) e essa é uma das finalidades,

ISSN: 2358-8829

> inclusão e promover o vôlei em nossa cidade. (ENTREVISTA, WILLIAM, TREINADOR, 15/11/2025, P. 52)

Essa compreensão aproxima-se da perspectiva de Jensen (2014), que entende os movimentos sociais como processos coletivos capazes de produzir transformações históricas. Embora o Bradantes não seja necessariamente um movimento social organizado, sua atuação apresenta características que dialogam com essa perspectiva, especialmente pela democratização do acesso ao esporte e pelo compromisso com a comunidade.

A dimensão social do projeto manifesta-se nas aprendizagens que ultrapassam a quadra. William destaca que o esporte permite trabalhar "autoconfiança e atitude; comportamento; postura; zelo; organização; inclusão; conhecimento; respeitar os outros e a si mesmo" (ENTREVISTA, WILLIAM, TREINADOR, 15/11/2025, P. 52, grifos nossos). Essas contribuições indicam que o projeto procura desenvolver atitudes que podem ser incorporadas a outras experiências da vida cotidiana, favorecendo a convivência e o reconhecimento de si e do outro.

Durante as observações, percebi que os portões "ficam abertos para que os alunos e visitantes entrem para jogar ou assistir, o que deixa muito livre para os alunos, já que não necessita de matrícula, então só vão e jogam" (DIÁRIO DE CAMPO, DESCRIÇÃO DE CAMPO, P. 46, grifos), revelando que essa abertura favorece o acesso e permite que os participantes conheçam o espaço e decidam se desejam permanecer nele.

Quanto às práticas educativas, tanto no ensino dos fundamentos esportivos quanto nas orientações sobre comportamento, convivência e desenvolvimento pessoal, Andressa define essas práticas como "uma atuação realizada a partir de um cronograma/método visando um aprendizado específico daqueles que participam", enquanto William destaca que elas "ajudam os participantes do projeto obtendo desenvolvimento intelectual, além do físico" (DIÁRIO DE CAMPO, ANDRESSA, TREINADORA, 13/12/2025, P. 59, grifos nossos). Essas falas evidenciam a intencionalidade educativa dos treinos, nos quais o aprendizado não se limita à execução dos movimentos do vôlei. E, embora os quatro treinadores compartilhem objetivos, suas abordagens apresentam diferenças que contribuem para a formação dos participantes. Milleuton explica:

> Vejo que cada um dos professores contribui nessas áreas de formação. Tentamos sempre conversar, orientar e apoiar. Também, como treinadores, temos personalidades diferentes, e não que isso seja ruim, pelo contrário, o que falta em um tem no outro, e consequentemente, conseguimos compreendê-los da forma mais adequada, cada um deles. (ENTREVISTA, MILLEUTON, TREINADOR, 15/11/2025, P. 53).

ISSN: 2358-8829

Essa diversidade permite observar diferentes formas de ensinar, orientar e estabelecer vínculos, considerando as necessidades das turmas. Nas atividades acompanhadas, William demonstrou uma prática voltada à disciplina, à autonomia e à autoconfiança dos adolescentes. Em um dos treinos, orientou os participantes:

> Confiem em vocês. Se forem errar, errem, não tem problema, mas confiem em vocês. Isso é até pra vocês em casa, na escola, na rua, não é só aqui nos treinos não, porque se tiver medo, não evolui. Vocês erram, baixam a cabeça… não morreu ninguém não! Esqueçam essa ideia de que errar é ruim. (DIÁRIO DE CAMPO, WILLIAM, TREINADOR, 18/11/2025, P. 53)

A orientação relaciona o erro à possibilidade de aprendizagem, incentivando os adolescentes a persistirem sem associar uma falha à incapacidade. Pôde-se notar que essa atitude contribui para o fortalecimento da autoconfiança, pois os participantes são estimulados a reconhecer suas possibilidades de desenvolvimento.

Com as crianças, observei uma abordagem que valorizava o incentivo e o acolhimento diante das dificuldades. Em uma atividade, "Milleuton parabenizava todos que conseguiam e até mesmo os que quase conseguiam, e então, fui percebendo que a menina que eu conversei ficava mais tranquila e feliz ao longo do jogo após esses estímulos" (DIÁRIO DE CAMPO, 18/10/2025, P. 48). Em síntese disso, o valorizar não apenas os acertos, mas também as tentativas, o treinador favorece um ambiente no qual o erro não representa motivo de constrangimento.

Essa postura também aparece na percepção das próprias crianças: "ele é bem amigo; ele é bem acolhedor, ajuda muito a gente; ele ensina a gente a melhorar, diz o que fazer; 'se eu errar, por exemplo, ele sempre dá uma palavra boa e ensina o certo de jogar'" (DIÁRIO DE CAMPO, CRIANÇA, 06/12/2025, P. 58).

Dito isso, embora a Educação Popular não seja formalmente anunciada como fundamento pedagógico do Bradantes, suas características podem ser identificadas com traços da tal. As atividades não se restringem ao ensino técnico do vôlei, pois envolvem orientações sobre respeito, cooperação, responsabilidade e convivência, e sobre isso, Andressa explica que as experiências no projeto ensinam os participantes a "trabalhar em equipe e acolher a todos, que o fracasso e a frustração de perder é um incentivo para sempre buscar ser melhor, mas também de acolher nossos limites e erros" (ENTREVISTA, ANDRESSA, TREINADORA, 25/11/2025, P. 57).

A horizontalidade das relações também se destaca, já que durante uma atividade, "após um tempo, William chamou um dos alunos para jogar a bola em cima da escada em seu lugar, e ele foi recepcionar junto e misturado aos outros alunos, participando da atividade

ISSN: 2358-8829

também como jogador, não apenas como treinador" (DIÁRIO DE CAMPO, 18/10/2025, P. 49, grifos nossos). É interessante explicitar isso, porquê permitir que o participante assumisse uma função na atividade, o treinador abriu espaço para o envolvimento ativo do aluno, demonstrando que a aprendizagem também pode acontecer pela colaboração e pela participação compartilhada.

Essa relação se manifesta igualmente quando as crianças ensinam umas às outras, momentos diversos vistos nas experiências registradas:

> Até elas (crianças) me ensinaram a jogar: quando eu errava elas me incentivavam a ir novamente e modificar alguma ação para a minha melhora; e quando eu acertava, pulavam e diziam 'tá vendo?', confirmando comigo mesma de que após tentativas, a gente consegue. (DIÁRIO DE CAMPO, P. 50).

A situação evidencia que as crianças não ocupam apenas a posição de aprendizes, mas sim que elas também produzem conhecimentos, orientam outras pessoas e reconhecem suas próprias capacidades, o que aproxima-se da perspectiva freireana de educação, baseada no diálogo e na construção compartilhada do conhecimento.

Dessa forma, o Bradantes Vôlei apresenta práticas que dialogam com os princípios da Educação Popular e tais ações intencionais contribuem para a formação integral dos participantes e para a construção de relações de pertencimento, nas quais crianças e adolescentes podem aprender, ensinar, assumir responsabilidades e reconhecer suas potencialidades.

Ainda sobre isso, entre os adolescentes também identifiquei uma relação de confiança e inspiração. Um deles afirmou sobre William: "dá independência pra gente, na verdade, todos eles, todos deixam a gente treinar uma pessoa nova, pede ajuda pra montar as coisas, deixa a gente fazer os aquecimentos. Quero ser igual ele no jogo". (DIÁRIO DE CAMPO, CRIANÇA, 06/12/2025, P. 58). Além disso, a identificação com o professor demonstra como as relações educativas podem oferecer referências para a construção das identidades.

A construção das identidades aparece nas experiências de escolha também: "tipo, minha identidade é gostar de trap, gostar de vôlei, da minha família, definir os amigos que eu quero, essas coisas, eu acho". (DIÁRIO DE CAMPO, ADOLESCENTE, 06/10/2025, P. 58). A fala evidencia que a identidade se constitui por diferentes referências, envolvendo gostos, relações afetivas e escolhas pessoais, dialogando com todo o referencial teórico construído neste trabalho.

Outro aspecto observado foi a dedicação das crianças e jovens ao esporte, que em campo, registrei que "A grande maioria dos adolescentes [...] estão sempre bem equipados,

ISSN: 2358-8829

com tornozeleiras, luvas para o braço/pulso, cabelos bem presos e de faixa para não atrapalhar, fitas nos joelhos para proteger de lesões e tênis bons." (DIÁRIO DE CAMPO, 18/10/2025, P. 48, grifos nossos). Esses cuidados sugerem o investimento dos adolescentes na prática e em seu próprio desenvolvimento, revelando que o vôlei assume importância em suas rotinas e expectativas e um desejo de ser melhor no que faz a cada dia.

Essa identificação também aparece nos projetos de futuro, pois ao conversar com um participante de 13 anos, observei que "ele ajudou o professor Milleuton com as crianças como um assistente. Ele me afirmou que quer ser profissional, disse isso com os olhos brilhando e falou que é o único esporte o qual ele realmente se interessa" (DIÁRIO DE CAMPO, 01/11/2025, P. 48, grifos nossos).

O apoio familiar, nesse sentido, também participa desse processo e percebe-se quando um pai entrevistado destacou a importância de permitir que as filhas descubram seus próprios interesses: "elas (suas filhas) decidirem o que gostam e o que não gostam, o que 'quer', porque a gente não pode dizer o que elas tem que fazer ou não. Elas que tem que decidir isso, a gente só apoia" (DIÁRIO DE CAMPO, PAI DE CRIANÇA, 08/11/2025, P. 51). Um outro relato também foi explicitado em uma conversa com um adolescente de 15 anos:

> meus pais em casa ficaram meio assim porque eles disseram que era melhor futebol, só que eu tinha vindo com um amigo uma vez e eu achei bem legal. Aí eu falei com eles e expliquei, né, que eu queria tentar aprender, e eles deixaram. (DIÁRIO DE CAMPO, ADOLESCENTE, 04/10/2025, P. 47)

Essas perspectivas reforçam a importância de oferecer às crianças oportunidades de escolha e experiências nas quais possam reconhecer suas preferências, desenvolver autonomia e construir sentidos sobre si mesmas, então elas mesmas decidem o que gostam e o que não gostam.

Portanto, as experiências no Bradantes indicam que a afirmação das identidades não ocorre apenas pelo aprendizado esportivo, mas também pelas relações de confiança, pelo reconhecimento das capacidades individuais e pela possibilidade de participar de um grupo com interesses compartilhados. Ao estimular a autoconfiança, a persistência e a autonomia, as práticas educativas podem contribuir para que crianças e adolescentes reconheçam suas potencialidades e construam identificações significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ISSN: 2358-8829

Retomando a questão-problema desta pesquisa, foi possível identificar que os educadores do projeto desenvolvem práticas que ultrapassam o ensino esportivo, envolvendo acolhimento, incentivo pessoal, diálogo, autonomia, valorização das diferenças e fortalecimento do pertencimento coletivo, traços que têm grandes impactos nas afirmações das diferentes identidades das crianças e dos adolescentes participantes.

Quanto ao objetivo específico de investigar as contribuições educativas dos movimentos e projetos sociais para a formação dos sujeitos e a construção da sociedade, percebeu-se que o Bradantes Vôlei representa uma iniciativa de transformação social, especialmente diante da ausência de oportunidades de acesso ao esporte e ao lazer, e que ao promover a convivência e a participação, o projeto amplia possibilidades de formação e reafirma a importância desses espaços e das relações nele desenvolvidas para com o desenvolvimento dos menores.

Em relação à compreensão das práticas educativas em espaços não escolares, a pesquisa evidenciou que os processos formativos também acontecem na quadra, nos treinos, nas conversas e nas relações entre participantes e treinadores. Nessas experiências, os educadores atuam como referências não só como atletas, incentivando os jovens a reconhecerem suas capacidades, tomarem decisões e construírem relações de confiança e respeito.

Assim, identificou-se que as práticas educativas do Bradantes Vôlei contribuem para a afirmação das identidades ao possibilitar que crianças e adolescentes se reconheçam como sujeitos capazes, valorizados e pertencentes a um coletivo, tendo um lugar específico nas vidas deles para que definam o que querem e o que não querem, o que gostam e o que não, o que são ou não são. Conclui-se, portanto, que o voleibol, nesse contexto, não se limita à prática esportiva, mas torna-se uma mediação educativa por meio da qual os participantes constroem sentidos sobre si mesmos, sobre os outros e sobre o lugar que ocupam na sociedade. O projeto evidencia, assim, que educar também é criar condições para que crianças e adolescentes reconheçam quem são e desenvolvam suas potencialidades, se sentindo parte do mundo que compartilham.

Palavras-chave: Educação Popular; Educação Não Formal; Práticas Educativas; Identidade; Desenvolvimento Integral.

REFERÊNCIAS

ISSN: 2358-8829

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

ERIKSON, Erik H. **The problem of ego identity. Journal of the American Psychoanalytic Association,** v. 4, n. 1, 1956.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia:** o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, Moacir. **Educação popular:** fundamentos e práticas. São Paulo: Cortez, 2018.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política:** impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 26).

GOMES, Romeu. *Análise de dados em pesquisa qualitativa.* In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

JENSEN, Karl. **Teses sobre os movimentos sociais.** Revista Marxismo e Autogestão, [S. l.], v. 1, n. 1, 2022. Disponível em: https://redelp.net/index.php/rma/article/view/912. Acesso em: 18 dez. 2025.

LEPRE, Rita Melissa. **Adolescência e construção da identidade.** Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 9, n. 1, p. 61–69, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OUTEIRAL, José. **Adolescer**. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2008. SANTOS, Boaventura de Sousa. Os conflitos urbanos no Recife: o caso do Skylab. Revista Crítica de Ciências Sociais, [S. l.], ed. 11, p. 9–60, maio 1983.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 3. reimpr., 2017.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença:* uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.